

# REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA GRAVIDEZ NA PERCEÇÃO DE ADOLESCENTES GESTANTES DE BAIXA RENDA

2009

**Michele Zanin**  
**Aurea Teresinha Moss**

Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina Campus de São Miguel do Oeste (Brasil)

**Lisandra Antunes de Oliveira**

Mestre em Psicologia Social e da Personalidade e professora do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Brasil)

Email:

[michelanieklein@yahoo.com.br](mailto:michelanieklein@yahoo.com.br)

---

## RESUMO

Estudo qualitativo, cujo objetivo foi analisar as representações sociais de adolescentes de baixa renda acerca da gravidez, de 'ser mãe', dos papéis da mãe e da amamentação. Foram informantes quatro adolescentes, usuárias dos Programas de Pré- Natal oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS) de São Miguel do Oeste – SC. Utilizou-se entrevista semi-estruturada para a coleta de dados e análise de conteúdo no tratamento. Constatou-se que a representação social da gravidez para as entrevistadas abrangeu contextos diferentes como 'fora de hora', e uma maneira de suprir a solidão que vivenciam. Ser mãe tem o significado de cuidadora e protetora. A representação dos papéis da mãe é assimilada à mulher protetora, batalhadora, que tem que ir à luta para proporcionar o bem estar para seus filhos. A amamentação revelou-se com a conotação de alimentação, mas também uma maneira de manter o vínculo entre mãe e filho. Estudos como este criam a oportunidade do compartilhamento de tais representações com outras adolescentes podendo minorar a vulnerabilidade da gravidez precoce possibilitar o entendimento dos aspectos subjetivos advindos com a maternidade.

**Palavras-chave:** Adolescência, gravidez, sexualidade, representação social

## INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (1965) define adolescência como o período de vida que compreende a faixa etária que vai dos 10 aos 19 anos, caracterizado por mudanças físicas aceleradas, diferentes do crescimento e desenvolvimento que ocorrem em ritmo constante na infância. Essas alterações surgem influenciadas por fatores hereditários, ambientais, nutricionais e psicológicos, sendo considerada, para alguns, como sinônimo de crises e conflitos, e não podemos descrevê-la como uma simples adaptação às transformações corporais, mas como um importante período no ciclo existencial da pessoa, uma tomada de posição social, familiar e sexual frente ao grupo (Ballone, 2003).

A puberdade marca o início da vida reprodutiva da mulher. Uma gravidez na adolescência provocaria mudanças maiores ainda nessa transformação, pois a gestação envolve mudanças metabólicas, hormonais e de reajustamento interpessoal e intrapsíquico (Maldonado, Dickstein e Nahoum, 1996). A mulher passa por três períodos críticos ao longo de sua vida, nos quais estas crises e desorganizações se tornam evidentes: a adolescência, a gravidez e o climatério. Dessa forma a gravidez na adolescência representa o enfrentamento de duas crises simultaneamente (Maldonado, 2002).

Os adolescentes vêm iniciando sua vida sexual cada vez mais cedo, podendo ser considerada como uma manifestação de curiosidade natural diante do desenvolvimento físico e da maturação sexual, e, assim como pode ser expressão de amor e de confiança, pode também estar relacionada com solidão, carência afetiva ou oportunidade de auto-afirmação diante dos amigos. Outros fatores associados vão desde o desequilíbrio familiar, como divórcios, maus tratos, relacionamento difícil com padrastos e madrastas, até a influência dos amigos (Costa e Souza, 2002). Neste sentido, as conseqüências são as relações insatisfatórias, com ausência de prazer, que podem comprometer uma vida sexual saudável, aumentar fantasias, medos e inseguranças e também contribuir para o aumento da gravidez na adolescência (Neto e Osório, 2000).

A gravidez na adolescência tem sido identificada como um dos grandes problemas de saúde pública. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) confirmam que a taxa de fecundidade adolescente, em 2006, cresceu em 0,14% nas classes econômicas mais baixas (Ministério da Saúde, 2009).

No Brasil a cada ano, cerca de 20% das crianças que nascem são filhas de adolescentes, número que representa três vezes mais garotas com menos de 15 anos grávidas que na década de 70, engravidam hoje em dia. A grande maioria dessas adolescentes não tem condições financeiras nem emocionais para assumir a maternidade [...] (Ballone, 2003).

As causas da gravidez na adolescência são múltiplas e sua etiologia pode estar relacionada a aspectos biológicos, familiares, sociais, psicológicos e contraceptivos (Costa e Souza, 2002). Muitas adolescentes não fazem uso de anticoncepcionais porque este denunciaria uma vida sexual ativa. Além disso, o risco de engravidar na adolescência pode estar atrelado a uma menor auto-estima, a um funcionamento familiar inadequado, à grande permissividade da família moderna ou à baixa qualidade de seu tempo livre (Ballone, 2003).

Por outro lado, algumas adolescentes têm conhecimento de métodos para evitar a gravidez e mesmo assim se envolvem com uma gravidez indesejada. Neste contexto, para Neto e Osório (2000, p.74):

A resposta para esta questão está em causas conscientes ou inconscientes como, por exemplo, a necessidade de uma jovem se afirmar como mulher através da gravidez; a vontade ingênua de segurar, ou assegurar o parceiro, definitivamente; um pacto do casal de auto-afirmação como adultos; o testar-se como uma pessoa fértil, capaz de procriar; um erro de cálculo; ou mesmo uma postura onipotente (típica da adolescência) de que comigo não vai acontecer.

Isso significa também que a gravidez vai ter uma representação ou um significado diferente para o homem e para a mulher. “Enquanto para a moça pode representar maior autonomia pessoal e a possibilidade de ‘prender’ o namorado ao seu lado, para o rapaz pode representar a confirmação de sua virilidade”. (Konig, Fonseca e Oliveira, 2008, p. 407).

Por fim, a gravidez precoce repercute na vida pessoal, familiar, social e educacional das adolescentes, pois está associada a uma série de mudanças diárias e a maioria das jovens não tem apoio familiar, o que pode agravar ainda mais a situação (Konig, Fonseca e Oliveira, 2008).

Por outro lado, grande parte das adolescentes gestantes mostra-se satisfeita com a gravidez, mas não tem consciência das responsabilidades advindas da maternidade. Foi pensando nisso que nos propusemos a realizar esta investigação, objetivando analisar as representações sociais das adolescentes gestantes de baixa renda, acerca da gravidez, do significado de ser mãe, de seus papéis e da amamentação. Estes resultados podem ser relevantes para pesquisas posteriores e para o desenvolvimento de projetos de orientação sexual para adolescentes.

## **MÉTODO**

A teoria das Representações sociais, atualmente, tem fundamentado inúmeras pesquisas no campo da Psicologia. De acordo com Moscovici (2007) ela pode ser definida como um conjunto

de conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano, nas comunicações interindividuais, sendo vistas como uma versão contemporânea do senso comum.

As representações sociais são redes de relações que a pessoa estabelece a partir de sua situação social, entre os significados e situações que interessam para sua sobrevivência, e compreendê-las implica não somente em conhecer o discurso do indivíduo, mas a situação que define o indivíduo que a produz, possibilitando a articulação do pensamento individual com o pensamento social (Lane, 2004).

Utilizamos a pesquisa qualitativa para este estudo, pois ela trabalha com o universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade, onde o objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser quantificado (Minayo, 2008).

Tal estudo foi realizado com quatro adolescentes grávidas, com idades de 16 a 19 anos, residentes na cidade de São Miguel do Oeste, SC, e usuárias dos Programas de Pré- Natal oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) da cidade. Os critérios de inclusão nesta pesquisa foram: Adolescentes gestantes com faixa etária entre 10 a 19 anos; Renda familiar abaixo de dois salários mínimos; Interesse por parte da adolescente em participar da pesquisa e autorização formal através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para a coleta de dados, utilizamos a entrevista semi-estruturada.

A análise de conteúdo foi a técnica escolhida para o tratamento dos dados. De acordo com Bardin (2000) ela envolve um conjunto de técnicas utilizadas para a análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. “Na análise qualitativa é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração” (Bardin, 2000, p. 21). O método foi operacionalizado por meio das etapas de ordenação dos dados, classificação dos dados e análise final.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na sequência serão descritos alguns elementos das entrevistas com a análise baseada nos objetivos descritos anteriormente. Os nomes das adolescentes são fictícios.

**1ª Entrevistada: Margarida**, 15 anos, união estável, 5º mês de gestação. Reside com o companheiro há quatro meses. Não possui nenhuma renda familiar.

**2ª Entrevistada: Petúnia**, 16 anos, união estável, 6º mês de gestação. Reside com o companheiro há dois anos. Renda familiar de um salário mínimo.

**3ª Entrevistada: Tulipa**, 19 anos, união estável, 8º mês de gestação. Reside com o companheiro há um ano e meio. Renda familiar abaixo de dois salários mínimos.

**4ª Entrevistada: Violeta**, 16 anos, união estável, 7º mês de gestação. Reside com o companheiro há um ano. Renda familiar menor de um salário mínimo.

### **Representação Social da Gravidez**

O tema da gravidez na adolescência vem ganhando espaço como um dos grandes desafios da atualidade e os argumentos encontrados na literatura, baseados principalmente em investigações junto às camadas populares, enfatizam a desinformação juvenil, as dificuldades de acesso aos métodos contraceptivos e a vulnerabilidade social existente (Brandão e Heilborn, 2006).

Nesta pesquisa, das quatro entrevistadas, duas relataram que a gravidez neste período foi representada como uma antecipação, algo inadequado, precipitado e fora do momento oportuno. A representação da gravidez na adolescência surge como “fora de hora”.

Bom para mim estar grávida... Uma que também não que tenha realizado o meu sonho, eu queria, mas mais tarde, mas se veio que venha com saúde é a conta... Para mim acho que filho foi bom, não digo boom nessa idade, mas tá bom, né (Petúnia).

Bom, porque foi uma gravidez que a gente já queria, mas não pra esse ano, mas pro ano que vem (Tulipa).

Dessa forma, elas integram cognitivamente o caráter inoportuno da gravidez a um sistema de pensamento social preexistente. Segundo Rangel e Queiroz (2008) esse processo é uma ancoragem, responsável pelo enraizamento das idéias, onde as adolescentes lançam mão de suas redes de significações prévias e constroem um conhecimento prático que culmina na incorporação da representação, refutando a adolescência enquanto momento ótimo para se engravidar.

Outra adolescente relaciona a gravidez à divindade.

Ah, pra mim é bom, um filho né, é uma bênção de Deus, não é uma complicação, ta certo que vai mudar a vida, só que agora eu tenho que ser mais responsável[...] (Margarida).

A gravidez é atrelada a uma dádiva de Deus, refletindo uma dimensão religiosa na sua representação social. Assim, a religião serve de terreno para a compreensão dos acontecimentos cotidianos, onde o imponderável traça o destino humano para a aceitação da subordinação e projeta-se a Deus a direção de sua vida por intermédio do credo religioso (Rangel e Queiroz, 2008).

Para outra, o filho será uma companhia.

A pra mim não foi difícil, pra mim que moro sozinha vou ter um companheiro pra ficar comigo. [...] estou muito feliz porque vô te um companheiro para fazer bagunça... ah, ah ,ah (Violeta)

Muitas adolescentes vivenciam uma grande solidão agravada pela “carência de afeto” de seu meio familiar, e dessa forma, a carência afetiva as leva à maternidade (Dadoorian, 2003).

A representação social da gravidez abrangeu contextos diferentes, incluindo como “fora de hora” denotando uma falta de preparo biopsicossocial e emocional para a maternidade. A gravidez também representa algo divino, a religião é usada para a racionalização, pois se é algo mandado por Deus, é aceitável e bom. Um filho seria, ainda, uma maneira de suprir a solidão que elas vivenciam. Neste contexto é possível constatar a variabilidade das respostas encontradas e as diferentes representações que a gravidez representa para elas.

### **Significado de Ser Mãe**

O ser humano é o único ser vivo capaz de estar pronto para a reprodução sem estar preparado para a maternidade, do que se conclui que adolescentes podem estar anatômica e fisiologicamente aptas a se reproduzir sem ter condições psicológicas, econômicas e sociais indispensáveis à criação das crianças (Konig, Fonseca e Oliveira, 2008)

Em nossa pesquisa, as entrevistadas relataram que ser mãe vai ser bom e maravilhoso. No entanto, elas apresentaram dificuldades para objetivar suas representações, expressando-as de forma vaga e descontextualizada, parecendo não terem refletido sobre o tema.

Ser mãe pra mim significa tipo a vida toda como dizem existe ex-mulher, ex- marido ex-tudo, mas nunca ex-filho (Petúnia).

Ah! Pra mim, ser mãe é tudo de bom, pelo menos eu acho, eu sempre gostei de criança, pra mim ser mãe vai ser uma experiência muito boa ( Tulipa)

Ser mãe vai ser bom (Violeta).

As falas das entrevistadas demonstram uma falta de adaptação e do conhecimento sobre o que é ser mãe. Para Costa e Souza (2002) a mãe adolescente requer um esforço maior de adaptação tanto à prática de cuidar, como a de sua própria situação de ser mãe, visto que também está na fase de adaptação no mundo adulto, além de estar em busca de sua própria identidade como mãe.

As adolescentes definem também o papel da mãe como cuidadora e protetora e dar tudo o que a criança quer.

Ah cuidar bastante, vou dar mais barda por que eu adoro crianças [...] tudo o que meu filho quiser eu vou tentar de dar (Violeta)

Pra mim é isso, eu vô se mãe pra sempre, vô tá participando da vida do meu filho, vô cria ele pra que um dia ele siga a vida dele, ser mãe é cuidar. A mãe eu acho que, eu acho pelo menos que o maior amor que é a mãe, o amor de mãe porque é um amor que a gente não, não tem explicação, assim, é o maior cuidado e proteção (Margarida)

A partir do nascimento, o bebê irá se comunicar com o mundo através da mãe, e ela será a mediadora da comunicação na relação de interação que o bebê estabelecerá com o meio (Borsa, Feil e Paniágua, 2007).

Ser mãe significa ser cuidadora e protetora, e a imagem de mãe bondosa está atrelada a dar tudo o que o filho quer, assemelhando-se muito ao conceito de maternidade presente na sociedade como algo bom, maravilhoso e divino. No entanto, apresentaram dificuldades para objetivar suas representações, ou por não terem refletido sobre o assunto, ou por não terem noção clara de seu significado.

## **Os Papéis da Mãe**

De acordo com König, Fonseca e Gomes (2008) com a maternidade é atribuída á mulher responsabilidades e das mães é esperado que dêem a seus filhos qualidade e quantidade de seu tempo e que os eduquem de forma a crescerem e amadurecerem. Isso nos levou a perguntar para as adolescentes qual é a representação dos papéis da mãe.

Com a gravidez, haverá mudanças na maneira como pensam, na rotina diária e nas suas perspectivas futuras, além de maior responsabilidade.

Tudo tem que muda, bom eu tenho que pensa tudo o que eu faço, hoje em dia eu penso né, antes eu não pensava e agora tudo o que eu faço eu tenho que pensa, porque se eu não quero tipo, que meu filho tenha um futuro ruim, tem que começa por mim, eu tenho que trabalha pra dá sempre o melhor pro meu filho (Margarida).

Agora vai ter que dedicar a minha vida só pra ele né, e depois mais tarde quem sabe sobra tempo (Petúnia)

A representação social dos papéis da mãe são ancoradas na imagem de mãe protetora cuja responsabilidade é dedicar seu tempo à criança e trabalhar para que ela tenha um futuro diferente do que os pais vivenciam. Dadoorian (2003) clarifica que a jovem transfere para o filho essa demanda de amor e o filho é, assim, depositário de muitas expectativas, ele terá tudo o que elas não tiveram: estudo, carinho, proteção e até uma família.

A maternidade traz uma série de papéis a serem desempenhados e a mudança de cuidadas para cuidadoras. Esta troca de papéis no seio da estrutura familiar traz consigo uma série de atribuições, diante das quais a adolescente pode se sentir despreparada. (Rangel e Queiroz, 2008).

Uma das adolescentes demonstrou não ter ideia das mudanças que ocorrerão com a maternidade e com a transição dos papéis que ocorrem após o nascimento do bebê.

Hum...acho que nada vai mudar, vai fica a mesma coisa (Violeta)

Nenhuma delas tinha planos para o futuro. As suas perspectivas de vida se resumiam a um futuro imediato, situado logo após a gravidez, onde elas relataram que pretendiam cuidar do filho e trabalhar para poder dar o melhor eles. Elas vêem o papel da mãe como uma mulher protetora, batalhadora, que tem que ir á luta para proporcionar o bem estar para seus filhos, justamente porque muitas delas não tiveram oportunidades que gostariam durante sua infância. Houve mudanças de atitudes e do pensamento delas em relação à maternidade.

## **O Significado da Amamentação**

A amamentação estabelece o vínculo do bebê com a mãe, onde o leite da mãe flui como uma excreção, uma resposta a um estímulo através da visão, do cheiro e do tato. É tudo uma coisa só: o cuidado que a mãe toma como bebê, e a alimentação periódica que se desenvolve como se fosse um meio de comunicação entre ambos transforma-se em uma canção sem palavras (Winnicott, 1999).

Perguntamos para as adolescentes qual o significado da amamentação para elas. Todas relatam que com o programa de pré-natal aprenderam sobre a importância da amamentação. O ato de amamentar é uma forma de alimento que vai suprir as necessidades fisiológicas do bebê, é a introspecção de leite e de amor.

Amamenta pra mim é gesto de carinho, amor e dedicação (Petúnia)

As primitivas relações da mãe com o bebê ocorrem através do seio materno na amamentação. As experiências fundamentais de felicidade e amor, frustração e ódio estão ligadas ao seio materno e este vínculo inicial com a mãe através do seio influenciará todos os relacionamentos futuros da criança (Klein, 1991).

Outra entrevistada contextualizou de forma vaga o significado de amamentar.

Eu sei o que é amamentação. (Violeta)

A amamentação revelou-se como uma forma de alimento, mas também uma maneira de manter o vínculo entre mãe e filho, transformando este ato em amor, proteção e dedicação para o bebê. Apesar da resposta vaga de uma das entrevistadas, não podemos afirmar que ela não tenha conhecimento sobre o assunto. Esperamos que até o nascimento dos bebês, todas estas adolescentes estejam cientes da importância da amamentação para a mãe e o bebê, e, que esta informação possa ser útil na prática.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através deste estudo, foi possível aprender que as adolescentes, ao engravidarem, têm somente a representação social do lado prazeroso da maternidade, no qual vêm no bebê a possibilidade de uma mudança de vida e a construção de sua própria família, onde a nova vida também significa uma companhia. Estas adolescentes ainda apresentam dificuldades para contextualizar os significados da maternidade, de “ser mãe” e da amamentação, pois todas são primíparas.

Foi possível identificar que as entrevistadas estão “curtindo o momento” e não tomaram conhecimento da realidade em que se encontram, das responsabilidades que advêm com a maternidade e das possíveis dificuldades que irão encontrar nos cuidados que a criança necessita.

Acreditamos que o Programa de Pré- Natal oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) de São Miguel do Oeste -SC é de extrema importância para as gestantes, haja visto que possibilita às adolescentes a problematização das representações sociais relativas à maternidade, tornando-se um local onde as jovens trocam experiências e informações e adquirem conhecimento sobre os aspectos relacionados à gravidez. Junto aos profissionais da saúde que as acompanham, as gestantes são preparadas para a chegada do bebê, também aprendendo os cuidados com a criança e com elas mesmas. Esta troca de conhecimentos e experiências possibilita a sensibilização para que estas jovens adotem atitudes e representações sociais mais sensatas e conscientes.

Acreditamos também ser fundamental a criação de mais Programas de Pré-natal como este, visando que o desenvolvimento destes espaços possibilitam a reflexão, discussão e a troca de experiências de temas referentes a sexo seguro, relacionamentos afetivos, maternidade, paternidade, prevenção, doenças sexualmente transmissíveis, auto cuidado e projetos de vida, despertando a verbalização das dúvidas das jovens. Oportunizando a troca de tais representações com outras adolescentes é possível contribuir para a diminuição da vulnerabilidade da gravidez precoce.

Ressalta-se aqui, que o psicólogo deve estar inserido nestes programas de acompanhamento, visando que ele pode contribuir de forma significativa para o estudo, para a prevenção e para a reformulação de novas propostas de trabalho, incitando mudanças no contexto da gravidez na adolescência. Poder-se-á trilhar, dessa forma, um dos caminhos para construir conhecimento, reformular representações sociais e promover a mudança social.

## REFERÊNCIAS

Ballone, G.J.(2003). Gravidez na adolescência. **Psiquweb**. Disponível em: <<http://gballone.sites.uol.com.br/infantil/adolesc3.html>>. Acesso em: 25 out. de 2009.

Bardin, L. (2000). **Análise de Conteúdo**. 70.ed. Lisboa:Ltda.

Borsa, J.C.,Feil, C.F., Paniágua, R.M. (2007). A relação mãe-bebê em casos de depressão pós-parto. **O portal dos psicólogos**. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0384.pdf>>. Acesso em: 03 mar.2010

Brandão, E.R.; Heilborn, M.L. (2006). Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n.7, p. 1421-1430. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2006000700007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000700007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 09 nov. de 2009.

Costa, M.C.O. e Souza, R.P.de. (Org.).( 2002) **Adolescência: Aspectos Clínicos e Psicossociais**. Porto Alegre: Artmed Editora.

Dadoorian, D. (2003).Gravidez na adolescência: um novo olhar. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.21, n.3, p.84-91. Disponível em: <[http://pepsic.bvpspsi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932003000100012&lng=es&nrm=iso](http://pepsic.bvpspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100012&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 30 out.2009.

Klein, M. (1991).**Inveja e Gratidão: e outros trabalhos**. 4.ed.Rio de Janeiro: Imago Ed.

Konig, A.B., Fonseca, A.D.da; Oliveira Gomes, V. L. de. (2008).Representações sociais de adolescentes primíparas sobre “ser mãe”. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Rio Grande do Sul, v.10, n.2, p. 405-413. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n2/pdf/v10n2a12.pdf>> Acesso em: 18 set. de 2009.

Lane, S.T.M.( 2004). Linguagem, pensamento e representações sociais. In: GODO, Wanderley (Org). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, Cap.3, p. 32-39.

Maldonado, M.T. (2002). **Psicologia da gravidez: parto e puerpério**.16.ed.São Paulo: Saraiva.

Maldonado, M.T., Dickstein, J., Nahoum, J.C. (1996). **Nós estamos grávidos**.13.ed.São Paulo: Saraiva.

Minayo, M.C. de S., Gomes Romeu, S.F.D. (Org). (2008). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 27.ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Ministério da Saúde (2009).**Gravidez na adolescência**. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/saude/visualizar\\_texto.cfm?idtxt=259](http://portal.saude.gov.br/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=259)> Acesso em: 05 nov.2009.

Moscovici, S. (2007).**Representações Sociais:investigações em psicologia social**.5.ed.Rio de Janeiro: Vozes.

Neto, F.B., Osório, L.C. (2000). **Aprendendo a conviver com adolescentes**. Florianópolis: Insular.

Organización Mundial de La Salud (OMS). (1965). **Problemas de salud de la adolescência. Série de Informes técnicos**, Geneva: OMS.

Rangel, D.L. de O., Queiroz, A.B.A. (2008). A representação social das adolescentes sobre a gravidez nesta etapa da vida. **Revista de enfermagem Esc Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.12, n.4, p.780-788. Disponível em: <[http://www.eean.ufrj.br/revista\\_enf/20084/22-representa%C3%A7%C3%A3o%20social.pdf](http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/20084/22-representa%C3%A7%C3%A3o%20social.pdf)> Acesso em: 05 nov. 2009

WINNICOTT, D.W. (1999). **Os bebês e suas mães**.2.ed.São Paulo: Martins Fontes.